



ano 1 • número zero

palavra

PRÊMIO SESC DE LITERATURA EM REVISTA

SESC



Brasil leitor,
uma tarefa do
SESC

**Comissões
julgadas**
quem tem
medo?

**Verve
Virtual**
Blogues como
espaços literários





O SESC TAMBÉM ESCREVE

Sua obra é a inclusão de milhões de brasileiros na produção cultural da sociedade



SESC

www.sesc.com.br





editorial

PAIXÃO DE LER

“O Prêmio SESC promoveu a saída dos meus escritos do nada para a existência, que consiste no encontro entre texto e leitor.” Wesley Peres, um dos ganhadores de 2006, resume nossa ação nas últimas décadas - promover o encontro entre texto e leitor nas 292 bibliotecas e salas de leitura presentes em todos os estados e nas 27 unidades móveis do BiblioSESC, levando mais de 3 mil livros às periferias mais esquecidas.

Feiras de livros, oficinas literárias, rodas de leituras, recitais de poesias e jornadas literárias acontecem durante todo o ano nos 27 Departamentos Regionais do SESC.

Ariano Suassuna, profundo conhecedor da realidade cultural brasileira, define o alcance das nossas iniciativas no estímulo ao hábito da leitura: “Na maioria dos lugares em que chega, é a única oportunidade de acesso ao livro”.

Luciana Villas-Boas revela que estamos atingindo um dos objetivos de nosso Prêmio de Literatura que “sai do eixo Rio/São Paulo, cobrindo todo o país e dá oportunidade aos criadores e pessoas que apreciam a literatura em diversas regiões do país”.

Maron Emile Abi-Abib
Diretor-Geral
Departamento Nacional do SESC

sumário

- 02 PRIMEIRAS PALAVRAS
- 04 JANELAS ABERTAS
- 08 BLOG
- 10 NO PODIUM
- 12 ENTREVISTA
- 16 FALA O AUTOR
- 22 CATÁLOGO



PRÊMIO SESC ROMPE AS BARREIRAS DO MERCADO LITERÁRIO

O pressuposto fundamental para o desenvolvimento da literatura no SESC está na inter-relação entre produção, circulação e recepção das obras – favorecendo o trabalho do escritor –, na formação de leitores e na promoção dos textos, principalmente de escritores ainda inéditos.

O Prêmio SESC de Literatura possui âmbito nacional e é realizado, anualmente, desde 2003. Ele revela autores não publicados nas categorias conto e romance, incentiva a produção literária e fomenta a formação e divulgação de novos autores. Com apoio da editora Record, o SESC garante o lançamento dos vencedores com tiragem inicial de 2 mil exemplares, e ainda distribuição e comercialização nacional. Desde a criação da proposta até a edição 2008, já foram recebidas e analisadas 2.651 obras nas categorias conto e romance, e lançados 10 novos escritores. O volume de inscrições a cada ano demonstra a potência da produção literária brasileira e, adversamente, as dificuldades de lançamento para escritores inéditos.

A proposta do Prêmio se apoia em três vertentes complementares: o concurso propriamente dito; a edição e distribuição das obras selecionadas; e a inserção dos escritores no circuito literário nacional. O concurso certamente é a ponta de maior visibilidade do trabalho; no entanto, conceitualmente, o Prêmio caracteriza-se como uma ação mais ampla de promoção literária em todas as suas etapas, abarcando o processo de criação, a publicação e a recepção das obras.

Quanto à seleção, a avaliação dos originais é feita em duas etapas: cinco subcomissões regionais fazem uma pré-seleção, e os selecionados na primeira fase são encaminhados às comissões finais, que elegem os vencedores e podem indicar menções honrosas. Anualmente e de forma democrática, as comissões julga-

doras são instituídas em localidades diversas. A editora Record garante um excelente projeto gráfico e uma distribuição abrangente do livro pelo Brasil. Os escritores entram para o catálogo da editora e recebem os direitos autorais correspondentes. A editora promove ainda a inscrição das obras em concursos literários de expressão, como o Prêmio Jabuti, Portugal Telecom de Literatura e Prêmio São Paulo de Literatura. Dentre os escritores lançados, já foram indicados a esses prêmios: Marco Aurélio Cremasco, Eugênia Zerbiní e Wesley Peres. A última etapa do trabalho é a que possibilita a projeção do escritor, rompendo com o isolamento do processo criativo e colocando-o em contato com os leitores. É o espaço de realização plena do literário, pois a obra assume lugar de destaque, e o texto ganha expressão junto aos leitores.

A promoção da obra se realiza a partir de um conjunto de ações. Ocorre a exposição e circulação das obras nas bibliotecas e salas de leitura do SESC no Brasil inteiro – são atualmente cerca de 260 unidades fixas, além de 27 unidade móveis do BiblioSESC –, bem como o encaminhamento para escritores, críticos, formadores de opinião e para os técnicos que respondem pelas ações literárias na instituição. Há, também, a participação dos escritores em eventos e programações literárias de expressão nacional, como bienais internacionais de livros do Rio e de São Paulo, a Flip e a Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, feiras de livros, mostras e jornadas literárias promovidas pelo SESC.

Após seis anos de realização do Prêmio, temos a certeza de que ele cumpre importante função, ao romper com as barreiras do mercado literário para autores inéditos e estimular a produção cultural. Esperamos por escritores inéditos de norte a sul do país, retirando seus manuscritos da gaveta na expectativa de conquistar o Prêmio SESC de Literatura.



Iniciativas pioneiras do SESC promovem o encontro de leitores, escritores e amantes da literatura em todo o país.

CONSTRUINDO UM BRASIL QUE LÊ

Andar pelas ruas de grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, com um olhar mais atento, pode revelar uma grata surpresa: o Brasil está, aos poucos, se tornando um país que lê. A última Bienal do Livro comemorou um aumento de 10% de público em relação à edição passada, em 2007. Foram 120 mil estudantes e um público espontâneo de 520 mil pessoas em 11 dias de evento. Foram vendidos 2,45 milhões de livros que representam um faturamento estimado de R\$ 51 milhões e 500 mil.

O boa nova que está por trás do sucesso das feiras e bienais também pode ser observado

cotidiano. Cada vez mais, os livros passam a ser companhias constantes no metrô e no ônibus. Mudanças culturais como essas são frutos de um longo processo de trabalho neste sentido. E é buscando justamente o fomento ao hábito da leitura e da produção nacional, que o SESC possui, há mais de duas décadas, uma agenda repleta de atividades voltadas para a produção, recepção e divulgação de obras literárias.

Durante todo o ano, o SESC promove oficinas literárias, seminários, rodas de leitura, mostras de autores e obras, recitais de poesia, além de manter 194 bibliotecas e 66 salas de leitura nos 26 estados do país e no Distrito Fed-

eral. Onde não tem biblioteca, ela chega sobre rodas, em um caminhão com 3 mil livros.

Trabalho integrado na formação de leitores

Todas essas iniciativas não existem de forma isolada, mas fazem parte de um objetivo maior, que é o desenvolvimento integral de toda a sociedade. As ações dialogam entre si, transpondo distâncias geográficas e integrando todo o país. São muitas as iniciativas, já tradicionais e consolidadas na agenda cultural de cidades e estados. A Feira de Livros de Manaus é um bom exemplo disso. Há mais de duas décadas, reúne anualmente escritores, editores e milhares de amantes da literatura e da po-





esia. A última edição recebeu 120 mil pessoas em quatro dias e reuniu nomes de peso, como os amazonenses Thiago Mello e Márcio Souza, além de autores consagrados de outros estados.

O Departamento Regional de Minas Gerais vem realizando iniciativas públicas que oferecem à cidade de Belo Horizonte a oportunidade de se aproximar da literatura e interagir pessoalmente com diversos escritores. A 6ª edição do projeto Livro na Praça levou, em setembro, à Praça da Liberdade, um dos caminhões biblioteca do SESC, disponibilizando a 15 mil pessoas um amplo acervo para pesquisas e leitura de livros, jornais e revistas, além da distribuição gratuita de livros, informativos e publicações do SESC/MG. Estiveram presentes, distribuindo autógrafos e conversando com os leitores, diversos escritores como Antônio Klévisson Viana, Arthur Vianna, Carlos Perktold, Cida Chaves, Dagmar Braga, Eneida Machado Milet, Fernando Fabbrini, entre outros

Em Santa Catarina, o SESC produz o Viapoesia, evento que possibilita à população um contato pessoal com a poesia em seus mais diversos suportes e estilos, discutindo essa linguagem e apontando para

uma reformulação do entendimento e ampliação do conceito de poesia por parte do público ouvinte. O conceito do projeto é o de que a obra não está apenas no produto livro. A literatura existe quando o público interage com o texto; escuta, declama, incorpora.

Movimento crescente abre novos espaços

Entre todas essas iniciativas, uma delas se destaca por reunir um pouco de todas as outras. Parte do calendário permanente do SESC, as Jornadas Literárias são grandes encontros que levam a adultos e crianças diversas palestras, oficinas, apresentações artísticas, contação de histórias, exposições de livros e diversas outras atrações que convergem em um único objetivo: alimentar o interesse pela leitura no país.

Desde debates sobre métodos pedagógicos de fomento à literatura nas escolas em Ji-Paraná, Rondônia, passando pelos estudos sobre redes literárias e autores populares na Bahia, e a relação entre a literatura e a cultura de massa em Porto Velho, as Jornadas Literárias têm temas centrais em torno dos quais gira toda a programação. A escolha dos temas e a as datas das jornadas são organizadas pelos próprios Departamentos Regionais-

DRs, mas todas guardam a similaridade de receberem escritores e acadêmicos de todo o país – e de outros países –, além de centenas de visitas ao longo da programação.

O conceito do projeto é o de que a obra não está apenas no produto livro. A literatura existe quando o público interage com o texto; escuta, declama, incorpora.

E assim, extrapolando as barreiras que separam as diferentes expressões artísticas e literárias, explorando novas plataformas e perpetuando um espaço onde se pode ler e ser lido, o SESC segue seu trabalho. Certa vez, ao comentar as iniciativas do SESC na área da literatura, o escritor Ariano Suassuna disse que “os projetos do SESC são espetaculares, um grande serviço à cultura brasileira. Na maioria dos lugares em que chega, é a única oportunidade de acesso a um livro”. A ideia é seguir trabalhando, chegar a ainda mais lugares e tornar esse acesso o mais democrático e inclusivo possível.





DOS ORIGINAIS À PUBLICAÇÃO NACIONAL

O trabalho das comissões julgadoras no longo caminho que vai das mãos do autor até as prateleiras das livrarias.

Para Sílvio Romero, o padrão de julgamento de uma obra literária era a nacionalidade. Para Veríssimo, a linguagem. Antonio Olinto aponta vários ângulos a serem considerados, entre eles, o ético. Machado de Assis dizia que era preciso “fugir das leituras superficiais por meio da análise que deve ser exercida com ‘ciência e consciência’, as duas principais condições para se exercer a crítica”. Machado ainda apontou as qualidades que achava necessárias, tais como: coerência, imparcialidade, tolerância, urbanidade e perseverança.

Mesmo com os caminhos apontados por eminências do passado e do presente, todo processo de seleção e julgamento de obras de arte continua cercado de certa mística. Trata-se de um trabalho subjetivo que dialoga com parâmetros e equações objetivas para chegar a um veredito final. Muitas são as questões consideradas, ponderadas e avaliadas. Observa-se o estilo, a reconstrução do real através de combinações de palavras e expressões, a dimensão estética e plurissignificativa.





É nesse contexto complexo que trabalham as comissões julgadoras do Prêmio SESC de Literatura. Segundo Maria José Gomes Duarte, assessora técnica em literatura do DR nacional do SESC, não há mistérios. “O critério de seleção dos textos é a qualidade literária, que define a recomendação para publicação e a possibilidade de desenvolvimento da carreira do escritor”. Mesmo com um critério de base bem definido, o trabalho das comissões não é nada simples.

Julgar uma obra, ainda que o resultado seja apenas a expressão de uma opinião pessoal, já não é trabalho fácil. No caso desses 28 homens e mulheres, a questão é ainda mais delicada. Já não bastasse o peso de apontar o que merece e o que não merece a vitória nessa comparação qualitativa de inúmeras obras literárias, as comissões são também, em diversos casos, responsáveis pelo início de uma nova carreira para boa parte dos concorrentes: anônimos que poderão se transformar em escritores publicados em todo o Brasil.

Não é pouco trabalho. Em 2008, foram 457 inscrições em duas categorias. Chegaram à segunda fase 24 romances e 51 coletâneas de contos, de onde saíram os dois textos vencedores. Por esse processo, ao longo dos últimos sete anos, passaram os 10 autores revelados pelo Prêmio SESC de Literatura. Eles lançaram suas obras pela editora Record em todo o Brasil e recebem uma porcentagem pelo preço de capa. Hoje são, de fato, escritores.

O LONGO CAMINHO ATÉ A VITÓRIA

Em 2009, mais dois escritores inéditos serão revelados pelo prêmio. Terão seus livros lançados pela editora Record em junho de 2010. Até lá, no entanto, pelo sétimo ano consecutivo, as comissões julgadoras trabalharão para apontar as melhores obras. Na primeira fase do prêmio,

fechadas as inscrições, os originais são encaminhados para cinco subcomissões julgadoras. Reforçando o perfil democrático e o caráter nacional do prêmio, essas comissões, compostas por no mínimo dois profissionais para cada uma das duas modalidades – romance e contos – estarão na Bahia, Paraíba, Rio de Janeiro, Santa Catarina, São Paulo e Distrito Federal. Durante os meses de outubro e novembro, os 24 juízes aprovarão e reprovarão diversos textos e, depois de dois meses de trabalho, apenas uma média de 15% das obras permanecerão na disputa.

A maior responsabilidade é das duas comissões finais – uma para cada modalidade –, que, de dezembro a fevereiro julgarão as obras pré-selecionadas, baterão o martelo e apontarão os dois vencedores. O time criteriosamente formado anualmente pelo SESC reúne escritores, especialistas em literatura e críticos literários de expressão nacional. Ao longo de seus seis anos, o prêmio contou com a avaliação de nomes respeitáveis, como Antonio Torres, Ítalo Moriconi, Carlos Heitor Cony, José Castello, Moacyr Scilar, Luiz Antonio de Assis Brasil, Marco Pólo Guimarães, Marcos Accioly, Ivan Marques, Bernardo Azjenberg, Cristiane Costa, Miguel Sanches Neto, Raimundo Carrero, Flávio Moreira da Costa, Leyla Perrone-Moysés, Daniel Piza, Alcir Pécora, Beatriz Bracher, Luiz Vilela e Flávio Carneiro, entre outros.

OS QUE ESPERAM

Enquanto os juízes fazem o seu trabalho, do outro lado dessa mesma história, centenas aguardam os resultados. São escritores inéditos, de grandes e pequenas cidades, de norte a sul do país, que querem sair do anonimato. A expectativa é grande, mas não faltam incentivos e bons exemplos de que a ansiedade da espera vale a pena.





Lucia Bittencourt e André Leones, são exemplos da continuidade de uma carreira que começou no Prêmio SESC de literatura de 2005. Ela, além de *A secretária de Borges*, obra premiada que a revelou para o mercado literário, lançou também *Linha de Sombra*. Ele, vencedor na categoria romance com a obra *Hoje está um dia morto*, também não parou por aí, e lançou *Paz na terra entre os monstros*. Esses dois escritores de sucesso, que caminham hoje com as próprias pernas, começaram suas carreiras graças à aprovação das comissões de julgadoras.

Os vencedores do ano passado dão os primeiros passos no mercado literário, mas já olham para o futuro com olhos de escritores. O baiano Marcio Ribeiro Leite, premiado pelo romance *O momento mágico*, não sofreu tanto com a espera do resultado e diz que, provavelmente, “esse é o caminho que deve ser seguido por quem quer chegar lá”. Marcio já prepara nova obra para publicação. “Consegui colocar o ponto final em um novo romance na semana passada”, comemora.

gir para um único fim: o de abrir espaço para a participação do leitor, sem conduzi-lo para essa ou aquela interpretação única”.

Os vencedores do ano passado dão os primeiros passos no mercado literário, mas já olham para o futuro com olhos de escritores..

Manuel da Costa Pinto, com mais de 20 participações em júris de concursos similares, também aponta para algo que acredita ser a base de qualquer julgamento. “Sempre me surpreendeu que, em grandes júris, onde é comum estarem pessoas com gostos variados e posições antagônicas em relação aos estilos literários, há um consenso no que é determinante ao se julgar uma obra, que é a consciência literária, um domínio do fazer literário. É como que um critério tácito que todos levam em conta”. Fica a dica para os futuros escritores.

Mesmo com os caminhos apontados por eminências do passado e do presente, todo processo de seleção e julgamento de obras de arte continua cercado de certa mística.

Para os que se preocupam com os critérios usados pelos juízes na construção dos textos, Flavio Carneiro adianta que, obviamente, existem critérios específicos, mas o principal é algo muito mais espontâneo que premeditado. “Consideramos, obviamente, a construção do narrador, dos personagens, a montagem do enredo, o ritmo, o corte de cenas, dos parágrafos, os diálogos, a concisão do texto etc. Mas, pessoalmente, penso que tudo isso deve conver-





“A responsabilidade é grande e deve ser encarada com atenção e critério. Quem escreve quer ser publicado e cria em torno disso uma expectativa enorme, a do primeiro livro. E se entra em um concurso cujo prêmio é a publicação por uma grande editora, a expectativa aumenta ainda mais. A responsabilidade de quem julga é imensa e por isso é preciso ler os textos com muita atenção, com muito cuidado”.

Flávio Carneiro, escritor, crítico literário, roteirista e professor de literatura. Foi um os quatro membros da comissão final de 2007.

“É um desafio comparável e maior do que aquele de fazer críticas a novos autores no panorama literário. Essas já são complicadas, uma vez que você não tem outras publicações do autor para comparar, não tem como julgar com certo distanciamento de tempo. É o que chamamos de ‘crítica no calor da hora’. No caso do prêmio SESC é ainda mais complicado porque você tem nas mãos os originais. Você não está julgando um livro mas, na verdade, dando ou não ao autor a oportunidade de transformar aquele original em um livro”.

Manuel da Costa Pinto, jornalista, escritor, mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada, colunista da Folha de São Paulo e ex-jurado do prêmio SESC.

“Não fiquei muito ansioso porque não escrevi para vencer um prêmio. Eu sabia que essa não era uma tarefa nada fácil em um mercado literário tão fechado para os iniciantes como é o brasileiro. Escrevi porque sentia uma necessidade primária, pessoal, de escrever. Não medi critérios que poderiam ser observados pelo júri, nem pensei muito onde isso poderia me levar. Acho que por isso fui escolhido entre tantos outros. Quando você acredita muito no que tem para oferecer, esse momento mágico acontece.”

Marcio Ribeiro Leite, premiado pelo romance O momento mágico.



CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS MUNDO AFORA



O blog da Trupe Gogó da Ema é um espaço para a criação de “histórias continuadas”. Alguém começa o conto e, por meio de comentários, os visitantes continuam contando a história.

Houve época em que a internet era apenas um meio eficiente de ter acesso ao conteúdo publicado mundo afora pelos grandes portais. Com a chegada do movimento web 2.0, a coisa mudou. A palavra do momento é interação, e a produção de conteúdo independente explodiu em blogs e comunidades virtuais sobre os mais diferentes assuntos, abordagens e interesses. Foi neste processo que nasceu, no Departamento Regional de Alagoas, o projeto Literárias Mostras Virtuais.

A idéia de aproveitar a internet como um espaço de troca de idéias fez nascer dois blogs literários – o Prosopoético - www.sescliteratura.blogspot.com – e o Trupe Gogó da Ema – www.trupegogodaema-al.blogspot.com – que, desde julho divulgam textos de escritores de todo o país. A iniciativa é resultado da I Jornada Literária SESC Alagoas que, após percorrer todo o estado, disponibilizou alguns textos na internet, vencendo distâncias geográficas e criando um espaço de livre intercâmbio entre autores e leitores.

O Prosopoético, além de espaço democrático de divulgação de textos, é um canal de informação e divulgação de cursos e toda a programação literária do SESC. E já que a mídia é digital, o blog explora as suas possibilidades e proporciona outras opções para a expressão artística. É possível encontrar por lá trabalhos audiovisuais, como o filme Poemas visuais, da mostra “Convergências”, do poeta e artista visual Tchello d’Barros, entre outros.

De acordo com a técnica literária Wéllima Kelly, a entrada oficial das ações literárias do SESC no meio virtual foi resultado de um processo inevitável. “A internet é hoje uma realidade em um mundo que busca a inclusão e a disseminação de saberes. Nós estamos criando um elo direto com pessoas que não teriam acesso às informações que estão no blog”, explica.



Mostras Literárias Virtuais, do SESC em Alagoas, cria espaço de intercâmbio nacional de autores e leitores, por meio dos blogs Prosopoético e Trupe Gogo da Ema

LIBERDADE & INCLUSÃO

O casamento da internet com a literatura é, de acordo com Kelly, uma tendência promissora. Na contramão dos que dizem que a rede deforma a escrita – e a leitura – dos jovens, ela prefere apontar os pontos fortes dessa união. A informalidade e o fomento à literatura são dois desses pontos. “Nós sabemos que muitas pessoas, por não terem acesso a conhecimentos acadêmicos, acabam não se aventurando na escrita. Mas é tentando que se aprende e a internet tem esse caráter libertador e inclusivo”.

A mostra literária virtual do SESC Alagoas, através de seus blogs, vem colaborar com a queda de outro mito: a morte do livro impresso em detrimento das mídias virtuais. Em 2010 será lançado um livro que trará textos selecionados do que é publicado semanalmente no Prosopoético, perpetuando a via de mão dupla nascida da relação entre a internet e a literatura em sua forma impressa.

O blog traz também o diário de bordo de um grupo de gestores do SESC que decidiu se envolver diretamente no fazer literário. É o registro de uma história rica que nasceu do “aprender fazendo”, e que rende frutos há nove anos. Uma história que vale a pena ser registrada.

A Trupe Gogó da Ema nasceu, como toda grande conquista, de uma dificuldade. No ano de 2000, através da coordenação da Biblioteca do SESC Alagoas, era realizada a Feira de Livros Infantis, de tamanha credibilidade que já era parte do calendário anual de escolas públicas e privadas de Maceió. Para que tudo corresse como esperado, era necessário uma equipe capacitada para a programação literária idealizada para fomentar o prazer da leitura.



Prosopoético, além de espaço democrático de divulgação de textos, é um canal de informação e divulgação de cursos e toda a programação literária do SESC.



DESAFIOS & COMPROMISSOS

A dificuldade em selecionar pessoas era crescente. Encontrar contadores de histórias em Alagoas se mostrou um desafio. Foi então que surgiu a idéia de parar de procurar fora da equipe, mas transformar os gestores da ação em protagonistas. Assim foi feito. Em uma sala de aula do SENAC Alagoas, com o apoio de técnicos de literatura do Departamento Nacional, localizado no Rio de Janeiro, a equipe de funcionários do SESC teve a sua primeira “capacitação em Contação de Histórias”.

Não havia obrigatoriedade. Participava quem queria, mas o prazer encontrado ali era tamanho que o compromisso surgiu espontaneamente. O nome do grupo foi inspirado em um coqueiro encurvado que virou símbolo da cidade nos anos 1950. O coqueiro já caiu, mas sua memória é perpetuada pela trupe em feiras, exposições, reuniões, bibliotecas, salas de aula e de leitura do SESC.

Novas capacitações vieram, diferentes técnicas foram aplicadas e vivenciadas em um cotidiano de tentativa e erro. O grupo cresceu e tomou consciência que a iniciativa precisava crescer também.

O tempo passou, novos projetos surgiram e a responsabilidade da equipe de gestão da área literária aumentou, mas a trupe resiste e caminha firme e forte para uma década de história. Em agosto, fez a sua primeira viagem interestadual para se apresentar em Petrolina, no estado de Pernambuco, levando as “Histórias do Velho Graça”, espetáculo de contação de histórias no qual vem trabalhando desde 2008. Montado a partir de pesquisas do livro Alexandre e outros heróis, a trupe conta as suas próprias histórias, inspiradas na obra de Graciliano Ramos e leva o espetáculo pela capital e interior do estado e para além de suas fronteiras.

E eles querem mais. Aprender mais, trocar experiências e fomentar ainda mais a leitura através de uma prática alegre, leve e genuína de contar histórias com um jeito bem brasileiro de ser. Em 2010, o espetáculo vai virar livro. Fabiano, a cadela Baleia e tantos outros personagens de Graciliano voltarão à vida através das histórias do grupo. Será uma grande homenagem ao escritor e uma forma carinhosa de comemorar os 10 anos de contação de histórias da Trupe Gogó da Ema por esse mundo de meu Deus.

Era necessário ir além dos muros do SESC, e lá foi a trupe. A agenda passou a incluir escolas, bienais, hospitais, creches e todo tipo de evento para um público que vai das crianças até a terceira idade.





DO PRÊMIO SESC PARA A TELONA

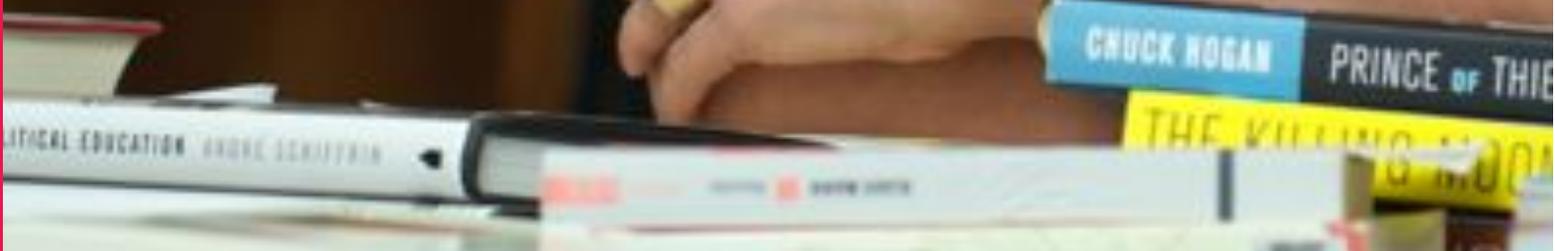
O escritor André de Leones está prestes a entrar para o hall dos privilegiados autores que têm o prazer de ver a história que criou reproduzida em um longa metragem. O filme é uma adaptação do romance Hoje está um dia morto, que rendeu a vitória a André no Prêmio Sesc de Literatura do ano de 2005 e marcou o início de sua carreira literária. “Anos atrás, optei por transformar em um romance aquela história que eu começara a desenvolver como um roteiro de cinema por duas razões: porque não parecia estar funcionando como cinema e porque eu não via a menor perspectiva de filmar aquilo algum dia. Quando o cineasta Robney Bruno me procurou dizendo que queria adaptar Hoje está um dia morto para o cinema, achei uma tremenda ironia”, conta André.

Robney, que assina o roteiro, pretende dar voz aos jovens que vivem em pequenas cidades, com poucas perspectivas de vida, e àqueles que vêm para as grandes cidades em busca de novos horizontes. Para isso, aposta na formação de um elenco híbrido de grandes nomes, como Fernanda Montenegro e Tony Ramos e, também, rostos desconhecidos. “Os protagonistas precisam ter um rosto comum, que seja a expressão dos jovens do interior brasileiro. Por isso a intenção é trabalhar com não atores buscando os próprios jovens destes locais”, explica.



ENTREVISTA • Luciana Villas-Boas

O MUNDO CIVILIZADO NÃO ABRE MÃO DA LITERATURA





Diretora do maior grupo editorial do Brasil de obras gerais, Luciana Villas-Boas sempre nutriu profundo afeto pelos livros. Mas cresceu sem saber se era possível viver de edição. Na época, as editoras eram pequenas empresas familiares, com salários muito baixos. Por isso escolheu o jornalismo.

Trabalhando na imprensa até 1995, passou por grandes veículos, entre eles a Rede Globo, o Jornal do Brasil, a revista Veja e a BBC de Londres, sempre mais editora que jornalista. Não encontrava paixão pela notícia, mas o amor pelo livro permanecia inabalado.

Decidiu entrar no mercado editorial quando entendeu o que acontecia em sua cabeça. E, ao longo dos anos na Record, viu a empresa transformar-se em um grande Grupo Editorial, com três editoras e diversos selos. No seu extenso catálogo de autores, encontramos, lado a lado, o Prêmio Nobel Gabriel García Márquez e Marcio Ribeiro Leite, ganhador do Prêmio SESC de Literatura de 2008, resultado de sete anos de sólida parceria entre a editora e o Serviço Social do Comércio.

PALAVRA Qual a importância de iniciativas como o Prêmio SESC de literatura para a produção literária e para a formação de novos leitores?

O Prêmio SESC de Literatura se destaca entre seus similares porque, que eu me lembre, é o único com tanta amplitude na premiação de inéditos. Sai do eixo Rio / São Paulo, cobrindo todo o país e dá oportunidade aos criadores e pessoas que apreciam a literatura em diversas regiões do país. O processo se torna ainda mais relevante quando olhado em sua totalidade, somado às demais iniciativas na área da literatura, como as oficinas de leitura e redação, que constroem a base do prêmio.

PALAVRA Iniciativas que se multiplicam como o Prêmio SESC de Literatura, jornadas literárias, blogs literários são um indicativo de que há muitos nomes em busca de um espaço no mercado literário?

Certamente. Além de todos esses indicativos, nós sabemos que hoje existe uma capacidade de criação muito grande no país. É claro que, infelizmente, nem tudo pode chegar à publicação, pois nem tudo tem a qualidade necessária. Muitas pessoas escrevem de maneira muito espontânea, sem carregar uma bagagem mínima de

leitura pra saber exatamente onde situar o que elas fazem no mapa literário como um todo. Mas nessa imensa quantidade de gente que escreve, que quer se expressar literariamente, há quem saiba fazê-lo realmente. E mesmo esses, muitas vezes não conseguem chegar à publicação.

PALAVRA Qual o principal objetivo da editora Record ao assumir o compromisso de assinar o projeto gráfico e distribuição das obras dos vencedores?

O objetivo maior da editora é participar dessa iniciativa tão bonita, democrática e interessante, que é o Prêmio Sesc de Literatura. Nós acreditamos que o Sesc tem a capacidade de prospectar melhor do que nós, de uma maneira mais ampla. Isso tem se provado verdadeiro nos últimos anos e os resultados têm sido bons.

PALAVRA Quais são as características que escritores estreados e inéditos precisam reunir para terem, de fato, uma chance no mercado editorial?

A pessoa que quer ser escritora não pode sair do mundo para realizar a sua vocação. É importante que ela consiga construir à sua volta um público que a aprecie, nos seus locais de trabalho, estudo, onde elas se relacionam normalmente. É muito





difícil para o editor dar um tiro no escuro, sem outros instrumentos de avaliação do que está sendo publicado. É por isso que é natural que a gente publique os livros que já chegam até nós com recomendações de pessoas que nós conhecemos e confiamos no gosto. Esses livros têm prioridade, são mais rapidamente lidos e avaliados e isso faz toda a diferença. É impossível ler tudo que se oferece para a editora. Precisaríamos de uma verba muito grande para pareceres e leituras, e não há como tornar isso viável economicamente.

PALAVRA Desde 2003, quando foi formada a parceria entre a Record e o SESC no Prêmio, o que mudou no mercado editorial para estreantes?

Para estreantes não mudou tanto assim. É certo que há uma valorização da literatura brasileira bem maior que 10 anos atrás, mas ainda é muito difícil fazer um livro de um autor estreante. Principalmente dos autores que não vêm apoiados por figuras conhecidas ou que vêm de outras regiões do país fora das grandes capitais. Nós não sabemos como fazer para divulgar e vender esses livros. Isso é determinante porque, por melhor que seja a crítica, se o livro não alcança um número mínimo de leitores, é



“O livro que não alcança um número mínimo de leitores, é um livro que não deu certo, é um livro fracassado.”

um livro que não deu certo, é um livro fracassado.

PALAVRA É comum que os novos talentos descobertos pelo prêmio sigam carreira na literatura?

Sim. Lucia Bettencourt, vencedora do prêmio em 2005 na modalidade contos com o livro *A secretária de Borges*, lançou posteriormente *Linha de sombra*, também pela Record. Andre Leones lançou dois livros pela editora, *Hoje está um dia morto* e *Paz na terra entre os monstros*. Ambos aparecem como figuras públicas da literatura brasileira desde a premiação. E é isso que nós esperamos do prêmio: que traga bons autores que permaneçam no nosso catálogo como nomes permanentes.

PALAVRA Nos últimos anos a Record – e as editoras em geral –

travaram batalhas de milhares de reais nos leilões de direitos. Paralelamente a todo esse investimento nos potenciais best sellers, há um espaço dedicado especialmente às obras nacionais de escritores em início de carreira?

Não sei como isso funciona em outras editoras, mas a Record é a editora que mais trabalha com autores estreantes. Além dos vencedores do Prêmio SESC, temos alguns autores em início de carreira nos quais decidimos investir. Prova disso é a nossa presença na classificação dos prêmios. Nós ganhamos na categoria “estreante” do Prêmio Portugal Telecom de Literatura, por exemplo, e fomos a editora com o maior número de classificados nessa categoria. Em outros prêmios similares, nossa lista de novos autores é sempre extensa.





PALAVRA E o que isso significa para a Record?

É muito gratificante. É recompensador você ver que está apostando certo, que o nome que você avaliou e apostou como alguém que teria uma contribuição para a literatura brasileira recebeu o aval de júris de especialistas. E muitas vezes encontramos os autores revelados pelo Sesc no Prêmio Estado de São Paulo, Passo Fundo, Portugal Telecom etc.

se em função do livro eletrônico, o trabalho da edição não for mais rentável, nós vamos ter que mudar toda a nossa concepção de literatura, de como se lê a boa literatura. Nesse cenário, teremos que conviver com erros e a própria língua pode sair sofrendo muito. Mas eu não acredito que a humanidade estará disposta a abrir mão dessa conquista civilizatória que é a literatura.

lido eletronicamente, que já tenham feito um download, compram o livro para fazer uma releitura, ou apenas para ter em casa. O objeto livro parece ter uma força maior que o LP ou as fitas K7 e VHS tinham. Eu acredito que o livro vá conviver bem com essas plataformas eletrônicas.

PALAVRA Algum conselho pra quem nunca foi publicado e encontra no Prêmio Sesc a oportunidade para seguir carreira literária?

Tem que escrever livremente. O momento da criação deve ser preservado ao máximo de qualquer influência externa. Ao mesmo tempo, acho fundamental hoje, a qualquer pessoa que quer ser escritor, cultivar o hábito da leitura. Muita leitura. É por meio da leitura que o indivíduo vai saber situar o que está escrevendo dentro do corpo literário brasileiro e universal, ter consciência clara do que está escrevendo. Hoje você vê muita gente que quer escrever sem nunca ter lido um livro. Agora mesmo estava conversando com um professor que recebeu um original de poesia de um aluno, perguntou o que ele estava lendo, e ele respondeu que nunca tinha lido poesia na vida. Isso acontece muito mais do que nós imaginamos e é bom que se saiba que esse não é o caminho.

“O livro que não alcança um número mínimo de leitores, é um livro que não deu certo, é um livro fracassado.”

PALAVRA Um assunto bastante comentado tem sido a relação entre a literatura e as novas mídias e plataformas digitais (Kindle e similares). As editoras já estão preparadas – ou estão se preparando – para as mudanças que virão? O que vai mudar, de fato, na nossa relação com os livros?

Acredito que a primeira plataforma vai continuar sendo o livro. De qualquer forma, nós estamos nos preparando para entrar firme no livro eletrônico e nas plataformas de celular também. Por outro lado, acho que a relação física com o livro ainda é muito importante. É preciso preservar o negócio, e isso significa preservar o autor e a criação também. Não podemos deixar acontecer com o livro o que aconteceu no mercado fonográfico, até porque,

PALAVRA Mas o MP3 mudou definitivamente a relação das pessoas com o CD, por exemplo...

Sim, mas são coisas distintas. A grande vantagem que o MP3 oferece é a possibilidade de escutar infinitas músicas ao longo do dia, e isso não é algo que você realmente busque com relação à literatura. Você pode escutar centenas de músicas em 10 dias, mas só lê um livro nesse mesmo período. Pra que carregar mil livros se você vai ler um de cada vez? Essas plataformas têm esse aspecto menos atraente para o livro do que tem para a música. O selo Galera tem um público jovem, com muita intimidade com todos os instrumentos da linguagem eletrônica e, ainda assim, eles sempre compram o livro. Mesmo que já tenham





O ESCRITOR, O TEMPO E O ESPAÇO

Lúcia Bettencourt
SECRETÁRIA DE BORGES



Um escritor poderia ser definido como um ser monstruoso que ocupasse um pequeno lugar no espaço e um enorme no tempo. Por exemplo, alguém, que nunca saiu de sua terra natal – que poderia ser uma pequena vila à beira de um rio – e, no máximo, foi a uma ou duas cidades próximas; tendo vivido no século XVI, pode, por artes de sua obra, ser conhecido nosso aqui no Brasil, compartilhar nossos sentimentos e explicar nossas angústias hoje, agora mesmo, no século XXI. (Tenho em mente Shakespeare, mas aposto que cada um de nós se

lembrou de alguém diferente.) É por isso que acho difícil falar em literatura contemporânea, pois, para mim, a literatura é atemporal. Atravessa anos, gerações, séculos e se atualiza a cada leitura. Talvez devêssemos falar de “leituras contemporâneas”, e lembrarmos de um autor nascido na Irlanda, que viveu uns tempos na Itália, passeou por aqui e por ali, mas que só chegou ao Brasil por meio da leitura inovadora que fez da *Odisséia*. Falo de James Joyce e seu *Ulisses*, cuja “leitura contemporânea” que fez da *Odisséia*, no início do século XX, chega a nós, no início do século seguinte, com o mesmo vigor de sua inauguração. Mas não precisamos ir tão longe. Um de meus livros mais queridos chama-se *Quarup*, de Antônio Callado. Quando lemos a obra de Callado com atenção, vemos uma “leitura contemporânea” da *Divina Comédia* de Dante – uma descida aos infernos, uma radiografia do mal e que é, ao mesmo tempo, um mapa do Brasil, que se nos revela inaugurando sua modernidade. E o milagre é que, ao lermos *Quarup*, hoje, podemos fazer uma “leitura contemporânea” do nosso próprio passado.

Há um lugar comuníssimo que diz que todas as boas histórias já foram contadas. Eu poderia até mesmo exagerar e dizer por

quem: por nossas mães, tios e avós nas noites mais escuras de nossa infância; por um repentista numa feira; pelas nossas babás; por amigos de sempre, ou do dia, numa mesa de bar. Ou então, no silêncio de uma biblioteca ou no burburinho de uma praça, pelos livros que nos encontramos pela vida e que nos acompanham para sempre. Esses livros que, a cada leitura nossa, se tornam nossos contemporâneos e que, conscientes ou não, estão tornando outros, ainda mais distantes na origem, nossos contemporâneos e conterrâneos. É assim que, ao lermos hoje um autor como Daniel Galera, Monique Revillion, Luiz Ruffato, Fabrício Carpinejar ou Marcelo Moutinho, estamos lendo autores contemporâneos, sem dúvida, mas, ao mesmo tempo, lemos, através de seus olhos, uma infinidade de livros que os acompanham e que vivem, hoje, em suas imaginações. É essa, acredito, a única possibilidade que temos de alcançar a imortalidade.

Há um lugar comuníssimo que diz que todas as boas histórias já foram contadas.





o Prêmio Sesc promoveu a saída dos meus escritos do nada para a existência que consiste no encontro entre texto e leitor.

ARTE DO ENCONTRO ENTRE TEXTO E LEITOR

Wesley Peres
CASA ENTRE VÉRTEBRAS

Vencer o Prêmio Sesc, com o romance *Casa entre vértebras*, não tenho dúvida nenhuma, mudou radicalmente a minha relação com a escrita, ou melhor, não com a escrita exatamente, mas com a perspectiva do que fazer com o que escrevo. E isso tem a ver com a consequência imediata do Prêmio: ser publicado pelo maior grupo editorial da América Latina, isto é, ser publicado e ter distribuição. Digo isso, porque eu já havia publicado três livros anterior-

mente, todos de poesia – *Palimpsestos* (Editora da UFG, 2007); *Rio Revoando* (USP/Com-Arte 2003); *Água Anônima* (AGEPEL, 2002) – e, apesar das belas edições, os livros tiveram repercussão pequena, pois não foram distribuídos, não circularam e, assim, não tiveram a possibilidade de encontro com possíveis leitores. Como prova de que isso (distribuição da Record), somado ao trabalho de divulgação do SESC, fez o livro circular e se encontrar com as pálpebras de muitos leitores, posso apontar os fatos de o livro ter sido indicado para o Prêmio Portugal Telecom de 2008 e ter sido um dos cinco finalistas do Prêmio São Paulo de Literatura 2008

(categoria autores inéditos no gênero romance), prêmio esse que atribui ao vencedor o maior valor em dinheiro dentre os prêmios existentes no Brasil, sendo inclusive maior do que o valor do Portugal Telecom: 200 mil reais.

Sim, como disse recentemente Gabriel García Márquez, o trabalho do escritor é escrever, e não publicar, mas a consequência que eu espero para o que eu escrevo é ser lido, afinal, sabe-se que, de certo modo, o que não foi lido não foi escrito e, nesse sentido, o Prêmio Sesc promoveu a saída dos meus escritos do nada para a existência que consiste no encontro entre texto e leitor.





Uma publicação do SESC – DEPARTAMENTO NACIONAL

Presidência do Conselho Nacional do SESC **Antonio Oliveira Santos**

Direção-Geral **Maron Emile Abi-Abib**

Divisão de Programas Sociais **Álvaro de Melo Salmito**

Consultoria da Direção-Geral **Juvenal Ferreira Fortes Filho**

Coordenação Editorial Assessoria de Divulgação e Promoção

Christiane Caetano, Rosane Carneiro, Túlio Clemente (estagiário)

Projeto gráfico e edição de arte **Ruth Lima**

Produção e edição de textos **Tânia Coelho**

Reportagem **Rodrigo -----**

Foto capa **Anderson Oliveira Laranjeira**

Colaboraram **Departamentos Regionais do SESC**

Juliana Marques

www.sesc.com.br

Telefone: (21) 2136.5555

Av. Ayrton Senna, 5.555 - Jacarepaguá (RJ) - CEP 22775-004

Conteúdo fornecido e produzido pela Editora blá-blá, sob encomenda do Departamento Nacional do SESC

Impresso na Grafitto

Tiragem 3.000 exemplares

Reprodução proibida







